

# A LITERATURA E SEU DUPLO: UMA AVENTURA DENTRO DA HISTÓRIA

NOEMIA DAVIDOVICH FRYSZMAN \*

RESUMO: Análise de alguns fatos marcantes da História norte-americana, vistos de uma perspectiva literária.

PALAVRAS-CHAVE: História Norte-americana; Literatura Norte-americana; O Duplo

A interpretação da história através de obras literárias vem adquirindo projeção, reafirmando, assim, a interação do fenômeno literário com as manifestações histórico-culturais. Alguns aspectos do puritanismo, na história dos E.U.A., podem ser melhor compreendidos quando observados pelo foco seletivo de Nathaniel Hawthorne (1804-1864) e Arthur Miller (1915), autores que conseguiram estabelecer um limite crítico na apreciação da sociedade puritana instaurada nos primórdios da colonização.

Nathaniel Hawthorne nasceu em Salém, Massachusetts, onde a família Hathorne (o escritor acrescentou um w ao seu sobrenome) era uma das mais tradicionais. Um de seus antepassados, John Hathorne, conseguiu projeção ao ser nomeado juiz do tribunal de caça às bruxas em meados do século XVII. Ele será uma das personagens da peça de Arthur Miller, *As Feiticeiras de Salém* (1953).

As forças propulsoras da ficção de Hawthorne são os pecados ocultos que corroem o coração e as culpas sem possibilidade de expiação. O que há de inovador nesta temática é que a personagem na sua luta contra o mal enfrentará não mais um inimigo exterior, mas sim uma força interior aterradora e desconhecida. As sufocantes pressões da comunidade puritana não permitirão o desenvolvimento da individualidade, mas podemos antever o germe da idéia

\* Doutora em Artes e Mestre em Letras pela USP.

do duplo: o homem dentro do homem. Arthur Miller deslocará esse duplo do coração para o intelecto e criará personagens imbuídas de uma consciência ética moral individual.

Entre as criações de Hawthorne destaca-se o conto "A filha de Rappaccini" (1844), cuja estrutura fundamental é uma série de projeções inconscientes que resulta em um jogo de duplos, funcionando como peça de uma metáfora oracular. O enigma proposto levará a soluções ambíguas, devido à duplicidade das personagens que o compõem. Esse artifício entre o real e o seu duplo encontrará paralelos múltiplos na história norte-americana.

O enredo de "A filha de Rappaccini" é aparentemente simples. Beatrice Rappaccini, na sua aparência seráfica, encobre uma mulher sensual, capaz de despertar a sexualidade do estudante Giovanni Guasconti.<sup>1</sup>

O conto adquire conotações fantásticas quando o jovem descobre que Beatrice é fruto das experiências científicas de seu pai, o Doutor Giacomo Rappaccini - ela vem sendo impregnada com o veneno extraído de um arbusto, seu duplo, gerado artificialmente pelo saber maléfico do cientista. Nesse processo, o Doutor Rappaccini condena sua filha a viver isolada no seu jardim infectado, contaminando tudo e todos que dela se aproximam. Giovanni, seduzido por Beatrice, ao sentir-se contagiado passa a desprezá-la. Mesmo assim, busca um antídoto que os livre da maldição, porém a filha de Rappaccini encontrará a morte ao tomá-lo.

Fica implícito que o "veneno" que torna Beatrice sedutora e "sobre o qual nenhum inimigo tem força ou poder para combater"<sup>2</sup> é a essência da libido, arraigada nela pelas artimanhas demoníacas de seu pai.<sup>3</sup> O prazer ligado à sexualidade havia sido banido da moral comunitária.

Hawthorne, mesmo tecendo uma trama modesta, consegue construir uma análise acurada de facetas complexas do pensamento e das inquietações do homem puritano do século XIX. O escritor deixa insinuada uma ficção científica que dominava a mentalidade do tempo: a manipulação de plantas e seres humanos por cientistas capazes de gerar criaturas monstruosas, antecipando, dessa forma, na literatura, os trabalhos de Gregor Mendel sobre Genética, que só seriam publicados vinte anos depois (1864). Paralelamente, já se pode notar uma preocupação relevante, que diz respeito ao perigo da fixação dos limites da aplicação da ciência, quando desvinculados de imposições éticas - problema que se mantém atual na modernidade.

Beatrice é um monstro-metáfora, podendo assumir, simbolicamente, as mais diversas identidades, já que é apenas o reflexo de um temor sem rosto. Ela sabia que o veneno que a corrompia estava, também, dentro de Giovanni, e ele descobre que era esse o mistério que revelava o lado sombrio da sua existência. Nesse jogo de espelhos e projeções inconscientes, ilusão e realidade se confundem e duplicam-se na sua complexidade. A esfíngica filha de Rappaccini revela-se, igualmente, a sombra do cientista, que busca a imortalidade através da sua criação.

<sup>(1)</sup> O conto passa-se na Itália e o cenário apresenta semelhanças difusas com o Paraíso - Inferno da *Divina Comédia* de Dante. O mesmo pode-se dizer de Beatrice, que evoca a musa do poeta, sendo entretanto sua imagem especular, pois Beatrice Rappaccini é um símbolo de sedução, enquanto a Beatrice de Dante é a alegoria do Anjo Salvador.

<sup>(2)</sup> Nathaniel HAWTHORNE, "Rappaccini's Daughter", in BRADLEY, BEATLY, LONG (eds.), *The American Tradition in Literature*, New York, 1956, p. 334-358. (A tradução é da autora.)

<sup>(3)</sup> Pode-se fazer uma analogia com Beatrice Cenci (1577-1599), dama da nobreza italiana condenada à força por ter cometido paricídio. Há obras literárias e artísticas inspiradas na sua história, sendo as mais conhecidas o poema "The Cenci", de Shelley

(1819), e o quadro do pintor italiano Guido Reni (1575-1642). Gonçalves Dias (1823-1864) escreveu a peça *Beatriz Cenci*, dramatizando a opressão paterna, contudo suavizando os desejos incestuosos que Francisco Cenci nutria pela filha. Os românticos descobriram o alcance simbólico da "mulher que matou o PAI" e cultuaram-na, pois eles (como ela) romperam com a tradição estabelecida e negaram toda forma de autoridade arbitrária.

(4) O macartismo é a prática de acusação pública de deslealdade política ou subversão, mesmo com falta de provas, instituída pelo senador Joseph McCarthy, que presidiu o Comitê de Atividades Anti-Norte-Americanas (1947-1954). Nessa época, milhares de cidadãos americanos, principalmente pessoas em evidência nos meios artísticos, na mídia, membros do exército, etc., foram acusados e presos sob a alegação de serem comunistas.

A descoberta de um mundo interior animal, assustador, no nível pessoal, pode ser ampliada até a sociedade puritana, que sentia o mal entranhado na comunidade, corrompendo suas raízes. O fato de encarar as mulheres como forma de um desejo pervertido, tendo o poder de levar os homens a uma exaltação da libido, vinha de uma tradição do século XVII. Naquela época, os aspectos instintivos da psique feminina eram enfatizados, ressaltando-se na mulher a condição de bruxa. A bruxaria era a manifestação de forças demoníacas e precisava ser exorcizada.

O pavor do reconhecimento de um lado instintivo no ser humano, cuja aceitação levaria à idéia de pecado carregado de culpa inextinguível, vai aparecer desde o início da colonização puritana e será largamente explorado na literatura americana por escritores das mais variadas tendências estéticas. Faz parte da história norte-americana a já mencionada caça às bruxas ocorrida em Salém, em 1692, quando dezenas de feiteiros (na sua quase totalidade mulheres) e dois cachorros foram enforcados por prática de bruxaria, e centenas de bruxas, acusadas, confessaram ter pacto com o Diabo.

Tudo começou quando três meninas, que residiam com a família do Reverendo Parris, manifestaram sinais de uma doença (provavelmente histeria) que foi atribuída a artimanhas de feitiçaria.

Instalou-se um tribunal para detectar e condenar a prática de bruxaria, incentivando a delação e exigindo dos acusados uma descrição pormenorizada do sabá. O sabá fazia parte do imaginário do homem da época, era uma celebração lasciva, na qual as bruxas, que já haviam feito um pacto explícito com o Diabo, reuniam-se às centenas para executar rituais obscenos e blasfemos.

Foram tão exageradas as arbitrariedades e atrocidades cometidas pelos juízes de Salém, que a credibilidade do tribunal foi posta em dúvida, pelos próprios puritanos, juntamente com a crença na existência das bruxas, trazendo como consequência um enfraquecimento da teocracia puritana e a posterior dissolução do tribunal.

Este fato vai ter seu duplo na história da cultura norte-americana em 1953, quando o dramaturgo Arthur Miller escreveu a peça *The Crucible (As Feiteiras de Salém)*, dramatizando o acontecimento histórico da caça às bruxas de 1692. O teatrólogo utilizou-se de um arcabouço histórico e inseriu em seu interior uma denúncia velada, dirigida ao governo dos Estados Unidos, que, na época, impunha pesada censura a todas as manifestações intelectuais e artísticas contestatórias.

A paranóia macartista<sup>4</sup> devastava o país e, ao escrever a peça, Arthur Miller toma uma posição "política" frente ao *status quo* vigente, afirmando o seu posicionamento estético, solidamente alicerçado em fundações ético-morais, sustentáculo de toda a sua obra dramática.

Nos Estados Unidos, logo após o término da Segunda Guerra Mundial, também será instalado um tribunal para perseguir o mal que arruinava a

comunidade, porém, desta vez, o Diabo havia se instalado nos comunistas, que precisavam ser combatidos até serem extirpados.<sup>5</sup>

Arthur Miller anulou as fronteiras entre o passado e o presente e conferiu à sua criação dramática – como Hawthorne em “A filha de Rappaccini” – uma estrutura oracular. Os diálogos são calcados na ambigüidade da ironia para apresentar uma realidade trágica que, profeticamente, espelhará outra realidade, que nada mais é senão o seu duplo.

É o próprio autor que nos conta:

A peça *As Feiticeiras de Salém* foi tirada da história. Não há personagem na peça que não tenha tido papel semelhante em Salém em 1692. A história principal está registrada, sucintamente, em certos documentos da época. Muito tempo passará antes que eu consiga apagar de minha mente Rebecca Nurse, John Proctor, Giles Corey e outros. Mas há lembranças estranhas e fantásticas que estão ligadas a essa peça e estas dizem respeito ao presente e tudo fica confuso.

Eu fui a Salém pela primeira vez no começo da primavera passada. Eu já conhecia a história e tinha pensado nela por um longo tempo [...].

Eu pedi ao arquivista do Palácio da Justiça os arquivos da cidade de 1692. [...]. E então... diálogo: O promotor público está inquirindo Rebecca Nurse. Há uma multidão no tribunal chorando pelas mocinhas, que ficam sentadas diante do público, sufocando porque estão sendo atormentadas pelo espírito de Rebecca. E o juiz Hathorne diz: “É terrível ver seus olhos secos quando tanto olhos estão úmidos.” E Rebecca responde: “Você não conhece o meu coração. Eu nunca atormentei nem mesmo uma criança em minha vida. Eu estou tão pura quanto um bebê ainda por nascer.”

Eles a enforcaram. Ela estava na casa dos setenta. Eles tinham hesitado, antes de prendê-la, por causa de sua elevada reputação, mas eles a arrancaram de seu leito de enferma, eles a tiraram de sua linda casa, que ainda permanece no local, e eles a penduraram pelo pescoço sobre a extensa Baía de Salém.<sup>6</sup>

As tensões da peça de Miller centralizam-se em John Proctor, que acredita mais em Deus do que no Diabo. Em um momento de fraqueza, ele cometeu adultério e mesmo sinceramente arrependido terá de pagar com a vida o seu erro. No momento culminante do drama, vai à corte de justiça tentar desmascarar a conspiração diabólica que se instalara em Salém, porém, de acusador, ele próprio passa a ser acusado de ser um agente do Demônio. Condenado à morte, oferecem-lhe a vida, se ele confessar ter praticado bruxaria e delatar outras pessoas. Em nome de sua consciência, John Proctor resiste às pressões dos juízes e toma a sua última decisão – não despojar-se de sua integridade –; ele finalmente entendeu que não conseguiria viver, tendo abdicado de sua honra: “Eu lhes dei minha alma, deixem-me meu nome”.<sup>7</sup>

Infelizmente, na vida real, John Proctor e Arthur Miller mantêm uma relação de duplicidade, contudo a indagação perturbadora é – quem é o duplo de quem?

<sup>(5)</sup> Houve uma tentativa forjada de associação da idéia do comunismo com a homossexualidade. Novamente o mal aparecerá ligado à sexualidade: tanto a mulher quanto o homossexual não se enquadram no padrão da autoridade patriarcal vigente na sociedade norte-americana.

<sup>(6)</sup> Arthur MILLER, in Robert A. MARTIN (ed.), *The Theater Essays of Arthur Miller*, Harmondsworth, Penguin, 1978, p. 27-28. (Tradução da autora.)

<sup>(7)</sup> Arthur MILLER, *The Crucible*, Harmondsworth, Penguin, 1980, p. 124.

Arthur Miller foi obrigado a depor perante o Comitê de Atividades Anti-Norte-Americanas do Congresso em 19 de junho de 1956. Transcrevemos abaixo um trecho do depoimento do dramaturgo:

Sr. Arens (presidente do Comitê) – Diga-nos, por favor, senhor, alguma coisa sobre aquelas reuniões com os escritores do Partido Comunista que o senhor disse que frequentou na cidade de Nova York... Pode nos dizer quem estava lá quando o senhor entrou no recinto?

Sr. Miller – Sr. presidente, eu entendo o que está por trás dessa pergunta e eu gostaria que o senhor entendesse o meu posicionamento. Quando eu digo isto, gostaria que o senhor entendesse que eu não estou protegendo os comunistas ou o Partido Comunista. Eu estou tentando, e conseguirei, proteger a minha integridade. Eu não poderia apontar o nome de outra pessoa e prejudicá-la... Eu me responsabilizo por tudo o que já fiz, porém eu não posso me responsabilizar pelas ações de um outro ser humano.<sup>8</sup>

<sup>8</sup> Arthur MILLER, in C. W. E. BIGSLEY, *A Critical Introduction to Twentieth Century American Drama*, v. 2, Cambridge, Cambridge University Press, 1986, p. 191. (Tradução livre da autora.)

Arthur Miller, entre outras penalidades sofridas, foi condenado à detenção, em vista de sua recusa em delatar companheiros diante de um severo comitê de investigação macartista. Ressalte-se que isso aconteceu em 1956 e a peça *As Feiticeiras de Salém* foi escrita três anos antes, em 1953. Com a dissolução do tribunal macartista em 1954, devido às arbitrariedades perpetradas, a democracia americana saiu fortalecida.

Situações como essas, nas quais a história se metamorfoseia em monstro, deixam patente a condição de anomia: no nível coletivo, é o desmoroamento das estruturas que servem de apoio a determinada sociedade e, no nível individual, é o estado de alienação experimentado pelo indivíduo – perde-se a identidade social ou pessoal.

As personagens de “A filha de Rappaccini” e de *As Feiticeiras de Salém* vivem em épocas de anomia, mas, mesmo agindo oprimidas pelo peso das pressões sociais, conseguem manter a dignidade e buscam um caminho em nome dos seus princípios do coração (Hawthorne) ou da consciência (Miller).

John Proctor e Beatrice Rappaccini são vítimas de uma ordem invertida temporariamente, em que o mal (qualquer que seja seu disfarce) irrompe na sociedade, explodindo em uma diabólica histeria coletiva, tomando transparente, no nível microscópico, a liberação do desejo proibido enjaulado nos indivíduos e, no nível macroscópico, as tensões causadas pelos problemas de terra, ódio entre vizinhos, desemprego, delações.

Ao estabelecermos uma relação entre a história particular das pessoas e a história social dos E.U.A., através da literatura, fomos levados a uma melhor compreensão das motivações que levam os indivíduos a agirem como massas irracionais, projetando suas frustrações em bodes expiatórios, sejam eles mulheres “bruxas” ou cidadãos “comunistas”. Devemos isso à grandeza de Nathaniel Hawthorne, John Proctor, Beatrice Rappaccini e Arthur Miller, entre

outros, pois, mesmo vivendo em épocas de total desestruturação, eles sabiam quem eram e ajudavam a apontar o caminho da busca de uma identidade real e única.<sup>9</sup>

<sup>9</sup> Sobre o duplo consultar: C. G. JUNG, *The Archetypes and The Collective Unconscious*, London, R. & Kegan Paul, 1975; Clément ROSSET, *O Real e seu Duplo*, trad. José T. Brum, Porto Alegre, L&PM, 1988; Sigmund FREUD, *O Ego e o Id*, São Paulo, Imago, 1976.

ABSTRACT: An analysis of some outstanding facts of American History from a literary point of view.

KEYWORDS: American History; American Literature; The Double

Texto elaborado a partir do seminário *Estudos Norte-Americanos: uma abordagem interdisciplinar*, realizado na União Cultural Brasil-Estados Unidos em 1991.

FRYSZMAN. A literatura e seu duplo...